

24º CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

A LITERATURA NA PANDEMIA



CHAMADA DE COMUNICAÇÕES
PARA OS SIMPÓSIOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**24º CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
A LITERATURA NA PANDEMIA**

Chamada para apresentação de comunicação – retificada em 04/04/2022

O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) organiza a 24ª edição do Congresso de Estudos Literários, com o tema “**A Literatura na pandemia**”, a se realizar entre os dias **08, 09 e 10 de novembro de 2022**, no formato online, com palestras no canal do PPGL no YouTube e comunicações em plataforma virtual a ser divulgada oportunamente.

“A pandemia não vem para ensinar nada. A pandemia vem para devastar as nossas vidas”, alertou Ailton Krenak, durante a Feira Literária Internacional de Paraty, em dezembro de 2021. O 24º Congresso de Estudos Literários do PPGL- Ufes, com o tema “A literatura na pandemia”, tem como objetivo debater os impactos da Covid-19 no trabalho de quem ensina, pesquisa, escreve, edita, publica e vende literatura. O evento enseja reunir professores, pesquisadores e estudiosos, de modo a favorecer discussões tanto sobre o campo literário durante a pandemia do novo coronavírus, quanto sobre as pandemias do presente e do passado como tema literário e fatura estética, focalizando o assunto em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

As comunicações serão apresentadas em 19 simpósios temáticos que discutirão temas específicos sobre a literatura na pandemia e/ou sobre a pandemia na literatura. Serão aceitas propostas de comunicação em língua portuguesa, exceto para o simpósio 4, que aceitará trabalhos em português e em espanhol/*castellano*,

As inscrições gratuitas de comunicações para o 24º Congresso de Estudos Literários serão realizadas apenas via e-mail: congressoppgl@gmail.com, de acordo com as normas expostas a seguir.

SUMÁRIO

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA AS COMUNICAÇÕES	5
Cronograma de submissão	5
Dinâmica dos simpósios.....	5
Requisitos para os participantes	6
Modelo de resumo.....	6
Sobre a apresentação de trabalhos.....	6
Sobre a publicação de trabalhos	7
ANEXO I - MODELO DE SUBMISSÃO	8
ANEXO II – SIMPÓSIOS.....	9
1. Imagens pandêmicas: dores, sentidos e horrores em textos policódices.....	9
2. Teoria da Literatura diante dos algoritmos	10
3. Livros, leituras e leitores de literatura a distância.....	11
4. Reinventar el paisaje: otra cartografía posible de la enseñanza de la lengua y la literatura .	12
5. Doenças na literatura: representação, interpretação e tradução	13
6. “Leia em casa”! A produção, recepção e circulação da literatura em meios digitais	14
7. Lukács, irracionalismo e literatura	15
8. Literatura, ensino e formação do leitor literário em tempos de pandemia.....	16
9. Economias (Criativas) da Leitura em tempos de pandemia.....	17
10. A literatura como encontro em tempos de distanciamento social.....	18
11. Perspectivas feministas em arte, cinema e literatura na pandemia que nos atravessa	19
12. Escrita em tempos pandêmicos: a literatura no limite.....	20
13. Pandemia, educação remota e os novos desafios para o ensino-aprendizagem: como pensar a formação leitora, a consciência crítica e a superação das históricas desigualdades educacionais?	21
14. A pandemia sistêmica do capital e a literatura	22
15. Niilismo e Literatura em Tempos de Pandemia	23
16. Pandemias e outras narrativas distópicas	24



17. Direito e Literatura acordam de sonos intranquilos: necropolítica e negação da vida na pandemia	25
18. A produção literária contemporânea em tempos de pandemia	26
19. Nem tão isolad@s assim: o distanciamento social como fomento à escrita coletiva.....	27

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA AS COMUNICAÇÕES

Cronograma de submissão

Prazo para envio do resumo da comunicação: 01 a 31 de agosto de 2022.

Divulgação dos trabalhos selecionados: até 30 de setembro de 2022.

Remanejamento de simpósios e comunicações: até 14 de outubro de 2022.

Divulgação da programação: 24 de outubro de 2022.

Dinâmica dos simpósios

Cada simpósio, para ser incluído na programação final, deverá ser composto por um mínimo de 6 (seis) e um máximo de 14 (catorze) comunicações. Caso o simpósio não seja preenchido com o mínimo de participantes, esses poderão ser distribuídos entre os outros simpósios, de acordo com a temática dos trabalhos, a critério da comissão organizadora.

Os coordenadores deverão estruturar as sessões do simpósio sob sua responsabilidade, distribuindo as atividades obrigatoriamente nos dias 09 e 10/11/2022 e de acordo com o turno previamente designado pela Comissão Organizadora. Uma vez anunciada na página do PPGL, a programação passa a ser de responsabilidade dos coordenadores e não deve ser alterada sem a anuência da comissão organizadora e de todos os membros do simpósio.

O coordenador do simpósio não poderá adiantar, atrasar ou concentrar os trabalhos de sua sessão no Congresso. Lembramos que os pesquisadores que submetem trabalhos ao evento e os ouvintes inscritos organizam-se para participar de acordo com a programação veiculada com antecedência.

É obrigatória a presença de todos os coordenadores em todas as sessões dos simpósios sob sua responsabilidade. Os coordenadores de simpósio não poderão colocar substitutos.

Requisitos para os participantes

Poderão apresentar comunicações as seguintes categorias: 1) estudante de mestrado; 2) mestre; 3) doutorando; 4) doutor. Cada pessoa poderá submeter somente um trabalho, individual ou em coautoria com até duas pessoas.

Modelo de resumo

O resumo de parágrafo único deverá apresentar brevemente o objeto de discussão com delimitação clara do tema a ser estudado, indicando objetivo geral do trabalho, metodologia (indicação de conceitos e linha teórica, além de técnicas e procedimentos, se for o caso, que serão adotados no tratamento do tema). O texto deverá ter entre 150 e 300 palavras em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, em margem padrão do Word, com alinhamento justificado. O título da comunicação, o nome e a titulação do autor deverão estar também em Times New Roman, tamanho 12, antecedendo o resumo (conforme o anexo I).

Sobre a apresentação de trabalhos

Para o dia do evento, sugerimos que os participantes preparem textos de cerca de cinco ou seis páginas para leitura a ser exposta em 20 minutos nas sessões de comunicação. O trabalho deverá ser apresentado pelo(s) autor(es). Em caso de ausência, não poderá ser apresentado por outros. Só serão publicados no livro digital do 24º Congresso trabalhos efetivamente apresentados por pelo menos um dos respectivos autores.

Os simpósios serão distribuídos no turno vespertino e, caso seja necessário, no turno matutino. A distribuição dos simpósios nos dias e turnos será realizada pela Comissão Organizadora do evento, a partir de critérios de organização interna.

As comunicações devem estimular o diálogo entre os participantes. Por isso, é recomendável o debate em todas as sessões, sendo de responsabilidade do coordenador do simpósio controlar o



tempo das comunicações apresentadas em suas sessões, obedecendo aos limites de tempo estabelecidos.

Cada sessão será acompanhada por um monitor.

Sobre a publicação de trabalhos

Os trabalhos apresentados e devidamente normalizados de acordo com modelo a ser divulgado oportunamente e aceitos pelos coordenadores dos simpósios serão publicados em formato de livro digital com Conselho Editorial e ISBN.

Outras observações

O descumprimento das normas poderá ser usada como critério de desclassificação ou recusa da inscrição.

A partir da publicação desta chamada, as informações sobre o evento serão publicadas no site do PPGL: <http://www.letras.ufes.br/>

Dúvidas sobre o evento que não estiverem devidamente esclarecidas nesta chamada podem ser enviadas para: congressoppgl@gmail.com

Comissão organizadora

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Andressa Zoi Nathanailidis

João Claudio Arendt



ANEXO I - MODELO DE SUBMISSÃO

Título da comunicação

Nome do(a) autor(a) (IES)

Nome do(a) autor(a) (IES)

Resumo: texto 150 e 300 palavras em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, em margem padrão do Word, com alinhamento justificado.

Palavras-chave: até três, separadas por ponto.

Simpósio: número.nome.

ANEXO II – SIMPÓSIOS

1. Imagens pandêmicas: dores, sentidos e horrores em textos policódices

Adriana Falqueto Lemos (IfSul de Minas/Ufes)

Rossanna dos Santos Santana Rubim (Ifes)

Resumo: Os estudos de objetos culturais cinematográficos revelam que esta forma de mídia manifesta representações sociais, históricas e políticas (SELDES, 1924; EISENSTEIN, 1929; TRUFFAUT, 2005, p. 17; MORENO 2010, p. 75). Da mesma forma, os estudos de histórias em quadrinhos (HQs e mangás) (RAMAZZINA-GHIRARDI, 2021) revelam objetos multisemióticos que se situam nesse emaranhado de mídias que orbitam em torno da literatura, ora se aproximando, ora se afastando, como objetos de leitura nos estudos literários. Nesse âmbito, também os videogames são estudados nos estudos literários levando-se em consideração os sentidos produzidos pelo seu aparato multisemiótico (LEMONS, 2020). Produções como *Contágio* (2011), *O Exército do Extermínio* (1973), *Eu sou a Lenda* (2007), *Extermínio* (2002) e *REC* (2007) são só alguns exemplos de narrativas cinematográficas que exploram situações limites nas quais os personagens lutam para se manterem vivos num mundo em colapso por motivos sanitários. Da mesma forma, os mangás *Gyo* (2021) e *Emerging* (2012), dão a ver sociedades sendo engolidas em cenários pandêmicos, assim como os jogos das franquias *Resident Evil*, e *Tom Clancy's The Division 2* (2019), *Bloodborne* (2015) e *Plague Inc.* (2012). Este simpósio objetiva abrigar estudos e discussões sobre textos de objetos policódices, com o intuito de que se discutam propostas que promovam a produção de saberes que estabeleçam diálogos entre os estudos multimídias e os estudos literários, tendo-se como recorte as pandemias.

2. Teoria da Literatura diante dos algoritmos

Cleber Araújo Cabral (Uninter)

Paulo Roberto Barreto Caetano (Unimontes)

Resumo: É fato que os meios e materialidades digitais afetaram, significativamente, as práticas e processos de criação, circulação e leitura de textos literários, bem como o exercício de reflexão teórico-crítico. Nesse sentido, este simpósio tem por objetivo refletir sobre os textos literários no contexto das mídias de reprodutibilidade digital. Recentemente, outras ferramentas subjetivadoras têm tomado de assalto a “agência da ficção”: séries de streamings, videogames, redes sociais, os quais usam recursos narrativos e multissemióticos visando impactar o leitor-usuário. Esse cenário se dá num contexto em que a memória é cada vez mais virtualizada e transferida para equipamentos (nuvens, celulares, HD’s), bem como numa passagem de um horizonte grafocêntrico para um “imagético” (cf. Seligmann-Silva). Tais mudanças ocasionam, de um lado, a monetização dos dados pessoais dos usuários (tornados *commodities*) e, de outro lado, uma espetacularização do eu (figura a existir somente quando postada em redes sociais). Além disso, há uma nova extensão do corpo: o celular. Este, na mão constantemente, sugere que cada vez mais é impossível separar o orgânico do inorgânico, o real do virtual. Em suma, a ficcionalização ganha novos suportes, recursos, contornos, agentes, estímulos. Desse modo, na atual etapa da técnica, frente à virtualização e algoritmização da vida, como ficam a Literatura e a Teoria da Literatura? De que modos algoritmos têm afetado como produzimos, fruímos narrativas? De que maneiras o confinamento, relativo à pandemia do Covid – 19, impactou na experiência da leitura? Como os NFTs podem afetar a criação, circulação e leitura de literatura? De que modo a rede social que se consagrou em 2019, o Tiktok, em seus vídeos curtos e intensos, tem impactado na produção de narrativas e identidades? Essas são algumas questões que o simpósio propõe para discussão.

3. Livros, leituras e leitores de literatura a distância

Adriana Pin (UFES/IFES)

Arnon Tragino (IFES)

Maria Amélia Dalvi (UFES)

Resumo: O simpósio reúne trabalhos que analisam contextos, experiências, práticas e procedimentos de leitura literária, individual ou partilhada, durante pandemias, com foco particular na pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no início de 2020. As decisões sobre o que ler, como e por que têm como base pressupostos teóricos e valores ideológicos, sejam eles conscientes ou não; e a atividade de leitura literária durante a pandemia pode partir de uma iniciativa institucional (escola ou universidade, por exemplo) ou pode surgir de modo *aparentemente* espontâneo. O foco do simpósio está, portanto, não apenas na identificação de tais elementos (o que foi feito, quem propôs, qual foi o rol de leituras literárias recomendado, qual foi o comportamento dos leitores, como foi a organização de funcionamento...); nosso interesse precípuo está em propor questionamentos e explicações, indo além da descrição do “vivido” em relação à leitura literária em contexto de pandemia. Assim, no movimento de elucidar as múltiplas determinações da realidade atinentes ao objeto ao qual se dedica o simpósio, é necessário considerar diferentes aspectos das relações sociais nas quais a leitura literária ocorre: desigualdade; consumismo, mercado e prestígio/valor no âmbito literário; produção e circulação de cópias (não-)autorizadas em correlação com a chamada crise editorial e com (a ausência de) políticas públicas; intervenções estatais e/ou institucionais sobre o que se lê, como e por quê etc. Privilegiam-se pesquisas lastreadas no materialismo histórico e dialético que deem conta de superar uma visão idealizada da leitura e da literatura, tendo em vista a realidade social e, particularmente, o contexto pandêmico: ou seja, análises que se preocupem com a concepção de literatura e leitura, nos contextos/sistemas em pauta, e com a atividade de leitura literária como produtora de um movimento que pode elevar ou não a consciência crítica dos leitores.



4. Reinventar el paisaje: otra cartografía posible de la enseñanza de la lengua y la literatura

Rafaela Scardino (UFES)

Melania Estévez Ballesterero (UNC)

Agustina Giuggia (UNC)

Resumo: La experiencia de confinamiento por la pandemia de COVID -19 todavía pertenece a las formas de la mudez, aunque esporádicamente se difundan extensos esfuerzos por formularla en palabras y textos. Parece ser más sencillo enumerar las acciones que aprendimos a realizar en el espacio doméstico, deshaciendo su archivo en un trabajo que podemos llamar contra-cotidiano, para captar el modo en el que transformamos ese ámbito para adaptarlo a las obligaciones laborales y pedagógicas. Si bien la incorporación de las TIC ya era agenda de las políticas educativas y eje en instancias de formación docente, la celeridad de la virtualización de la enseñanza-aprendizaje durante la pandemia fue abrupta y traumática, pero de ningún modo su productividad fue lenta o escasa. Destaca en el proceso la exploración conjunta entre docentes y estudiantes, buscando los soportes, plataformas, recursos o bien un lenguaje para la tarea concreta en medio de la dispersión. Un inmenso caudal de instrucciones, explicaciones y acuerdos fueron intercambiados en un horario que excedía el contrato laboral o el tiempo de asistencia a las escuelas. En el área de la lengua y la literatura, hubo matices y modulaciones, cambio de prácticas, obstáculos impensados y soluciones nacidas de la mayor creatividad posible. La lectura volvió a ser solitaria y hogareña; las actividades, más sencillas e interpretativas y su evaluación, en muchos casos, acertada en cuanto a poner en foco la interdisciplinariedad. Este simposio propone compartir experiencias docentes sobre la enseñanza de la lengua y la literatura en tiempos de pandemia para estabilizar parcialmente los resultados y observar los alcances de la transformación que el contexto operó en nuestro *sensorium*. Se pondrá el foco en el análisis de las escrituras que incorporamos al archivo escolar y de los procedimientos didácticos que activamos cuando decidimos qué leer tanto como con qué objetivos.

5. Doenças na literatura: representação, interpretação e tradução

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Resumo: Ao lado do intrínseco fenômeno estético, a arte verbal agrega também o compromisso social, a exemplo da representação, interpretação e tradução/significação de doenças orgânicas ou psicoexistenciais, o que configura uma questão médica, uma unidade humana e, do mesmo modo que a morte, traz pânico e luto. Não obstante, tal fato integra a vida das pessoas, pois sempre contraímos enfermidades e não somos imortais. Na criação literária, costumam ser enfocados semelhantes limites nossos e males planetários, como a Covid-19 na contemporaneidade. Essas doenças constituem tema palpitante e firmam-se no Ocidente desde a Antiguidade, enquanto uma constante nas letras universais e sob várias perspectivas: a clássica, com a epidemia grega na “*Ilíada*” (a.c.), de Homero; a romântica, psicoexistencialmente com o “*mal du siècle*”, “*spleen*” ou “*mal de Werther*” (morbidez e até depressão), que chega a gerar uma onda de suicídios na Europa, e fisicamente com a tuberculose em “*A dama das camélias*” (1848), de A. Dumas Filho; a realista, com a epilepsia em “*O idiota*” (1869), de Dostoiévski; a simbolista-decadentista, com o “*spleen*” baudelairiano em “*As flores do mal*” (1857); e a moderna, com uma obra de Sartre, “*A náusea*” (1938), expressão física da angústia, e um igual título icônico, “*A peste*” (1947), de Camus. Temos ainda na modernidade, entre outras: a malária em “*A voragem*” (1924), de José E. Rivera; a tísica pulmonar em “*Pneumotórax*”, de *Libertinagem* (1930), de M. Bandeira; a hanseníase em “*Marajó*” (1945), de D. Jurandir; a leishmaniose em “*A neve do almirante*” (1986), de A. Mutis, e a AIDS em “*Cinzas do norte*” (2005), de M. Hatoum. Então, diante do exposto, no simpósio ora proposto, são bem-vindas comunicações voltadas para a representação, a interpretação e tradução/significação das doenças retromencionadas, bem assim de quaisquer outras moléstias individuais ou coletivas (endêmicas, epidêmicas e pandêmicas) presentes na literatura nacional e internacional.

6. “Leia em casa”! A produção, recepção e circulação da literatura em meios digitais

Karla Renata Mendes (UFAL)

Tatiana Carolina Lazzarotto (USP)

Resumo: Talvez o maior apelo durante a pandemia de Covid-19 tenha sido o de se manter o máximo possível isolado. “Fique em casa” tornou-se uma frase exaustivamente repetida nos meios de comunicação e nas redes sociais. Permanecer em casa reconfiguraria, a partir de então, as formas de nos relacionarmos com o mundo exterior. Assim, vimos nossas vidas inundadas pelo mundo digital: “lives” de músicos, chamadas de vídeo com familiares, casamentos e festas, aulas, cursos, reuniões, tudo migrou para o virtual num impacto psicológico ainda difícil de ser mensurado. Na esteira dessa invasão digital, percebe-se que nossa relação com a literatura também foi afetada. A venda de e-books cresceu 83%, em 2020; bienais, feiras literárias, eventos acadêmicos e cursos voltados ao público leitor foram transformados em versões digitais; inúmeras “lives” para anunciar a publicação de uma obra ou discutir textos foram idealizadas; integrantes de clubes do livro passaram a se reunir virtualmente para dialogar sobre os textos. Esses são apenas alguns exemplos que demonstram que a pandemia ajudou a reconfigurar a forma como se produz literatura, como se consome literatura e como se partilham experiências literárias no mundo digital. Assim, o simpósio acolherá comunicações que reflitam sobre as condições de *produção, recepção e circulação* da literatura na internet, no momento pandêmico. Interessam-nos trabalhos que pensem nas diferentes infiltrações do texto literário no digital, seus impactos e suas transformações. Da mesma forma, buscaremos discutir com os participantes se as tendências digitais serão absorvidas e tratadas como permanentes, em todas essas esferas, transformando definitivamente a forma como nos relacionamos com a literatura.



7. Lukács, irracionalismo e literatura

Luís Eustáquio Soares (UFES)

Ulisses Augusto Guimarães Maciel (UESC)

Resumo: A loucura de “o imperialismo não existe”, em um mundo submetido à violência sem limites do complexo industrial-militar estadunidense, atua de modo a intensificar um discurso cínico e demagógico que visa a estabelecer o controle permanente sobre mentes e corpos em regime de reificação absoluta. Guy Debord em **A sociedade do espetáculo** (1967) definiria que tal instrumentalização de um mundo ao avesso se daria por meio da espetacularização das imagens do mundo no lugar do mundo realmente existente. Como efeito ao mesmo tempo trágico e farsesco, com o espetáculo, o que se percebe é um processo revisionista total, assentado em um sistema integral de enganos e autoenganos. Com a pressuposição de uma pausa na luta de classes do capital contra o trabalho, o foco na perda do sentido do olfato, com o coronavírus, oculta o drama sem precedentes da perda do sentido do comum, o único que jamais pode ser preterido, pois sem ele não há lucidez emancipadora e tampouco ciência dos povos. No livro **A destruição da razão** (1954), György Lukács levou a cabo um minucioso estudo sobre a relação do irracionalismo com a dominação imperialista, ratificando a importância das razões do trabalho na contramão da irracionalista acumulação do capital. Nesse contexto em que o irracionalismo toma de assalto o Ocidente, buscamos compreender o papel da literatura na composição de um pensamento crítico e, em certa medida, independente das pulsões de morte acionadas por *bits* de algoritmos a serviço do parasitismo da hegemonia financeira ianque. Tendo isso em vista, este simpósio busca reunir estudos e análises dedicados à compreensão do papel da literatura diante do domínio multitudinário do irracionalismo estadunidense e europeu, expandindo-se pandemicamente contra os povos.

8. Literatura, ensino e formação do leitor literário em tempos de pandemia

Luciana Ferreira Leal (UNESPAR)

Sidinei Eduardo Batista (UTFPR)

Resumo: A pandemia causada pela *SARS-Cov2* transformou completamente a organização social e o modo como o homem interage com os bens simbólicos. Nesse cenário, a humanidade tem buscado formas de se adaptar ao flagelo presente e continuar o curso de seu desenvolvimento cultural; portanto, com a manutenção das estruturas de poder que regem as sociedades. A educação é um dos pilares de qualquer que seja o tecido social. No Brasil, por exemplo, adoção do ensino remoto foi uma das estratégias para o funcionamento do sistema educacional ao lado do necessário distanciamento social, que visa diminuir a circulação do vírus. A partir do cenário descrito, este simpósio pretende discutir o Ensino de Literatura e a própria Literatura: *“um sistema vivo de obras que agem umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que os leitores a vivem: decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”*, conforme nos ensina Antonio Candido. Serão bem-vindas as comunicações sobre temas que versem sobre a formação do leitor, a seleção de autores e/ou de obras, a historiografia literária, as análises de produções em que se evidenciam escritores renomados e também aqueles pouco conhecidos, além de abordagens alicerçadas no diálogo entre autores e estilos de época distintos, o trabalho com o texto literário em sala de aula, a leitura e a compreensão de textos literários, o letramento literário, a escolarização da literatura, a literatura e o ensino virtual, a literatura e as novas tecnologias, entre outros assuntos. Queremos, portanto, refletir sobre práticas de ensino, novas metodologias e sobre o papel do professor de literatura nessa nova realidade, construindo um espaço de discussões a respeito das relações entre literatura, ensino e formação do leitor literário em tempos pandêmicos.

9. Economias (Criativas) da Leitura em tempos de pandemia

Orlando Lopes Albertino (DLL/UFES)

Robson Malacarne (IFES Viana)

A pandemia não vem para ensinar nada, o que não significa necessariamente não termos nada a aprender com ela. Ao impactar o trabalho de quem ensina, pesquisa, escreve, edita, publica e vende literatura, o *virus* afeta o campo literário, intensificando-o, por um lado, esvaziando-o por outro e, quem sabe, talvez também transcendendo-o, extrapolando-o, desconstruindo-o, reinventando-o. Talvez possamos usar a doença, o sintoma da literatura na contemporaneidade para compreender como recuperar, reencantar e transformar o fenômeno literário nas sociedades contemporâneas, que oscilam “contraditoriamente” entre os apelos dos “sistemas culturais literários” e dos “mercados editoriais” *contaminados, erodidos, pervertidos* - embora *não se possa falar a respeito*, na medida em que ambos se referem a esferas distintas e independentes de poder (“cultural” ou “financeiro”), de afetação social e econômica. A pandemia provoca um espaço para o aprendizado daqueles que a ela continuam sobrevivendo, entre outras coisas, quando nos obriga a *pensar na vida sob o risco iminente de morte*. Que considerações podemos fazer a respeito destes dois longos curtos anos nos quais apenas começamos a reinventar nossos modos de convívio e de relacionamento social? Até onde se estenderá a disrupção trazida pela tecnologia, pela pandemia, pela crise ambiental? Que dinâmicas de estímulo à “vida literária” se mostraram mais (ou menos...) potentes no “espaço emergencial” da “remotização da cultura” em *apps, lives, webconfs* e afins? Que círculos de relacionamentos sociais identificados com a literatura foram favorecidos (ou desfavorecidos) nos períodos de alta produção e compartilhamento de conteúdos? Como os “agentes de literatura” estão encontrando espaço (ou não) nas plataformas midiáticas e na “recepção” do “público” (o que é, atualmente, “público”)? Como esses mesmos agentes estão reinventando (ou redescobrimo) formas de sustentação e de geração de renda para projetos editoriais que não encontravam apoio mesmo *antes da gripe*?

10. A literatura como encontro em tempos de distanciamento social

Keila Mara de Souza Araújo Maciel (UFSB)

Milena Claudia Magalhaes Santos Guidio (UFSB)

Gabriela Rodella de Oliveira (UFSB)

Resumo: A literatura contemporânea tem se movimentado para além da leitura ou escrita solitária e ampliam-se os espaços de encontro em torno do livro e da leitura literária em seus diversos formatos, encontrando meios de estar presente, mesmo diante do isolamento e da angústia de uma pandemia. Fazendo parte das mobilizações do contexto histórico brasileiro dos últimos anos, a literatura insurge também como presença, seja na difusão dos gestos de contar, ler e escrever histórias, seja no desenho corpóreo dos ritmos da poesia, na voz insurgente do *slam* e, ainda, na crítica reflexiva do ensaio. Vivemos o paradoxo de acompanhar a diminuição dos índices de leitura, conforme conclui o Instituto Pró-livro (2019), ao mesmo tempo em que vemos multiplicar os clubes de leitura, as festas literárias, os influenciadores digitais de livros, os cursos sobre variados aspectos da literatura, as páginas de poesia nas redes sociais e os coletivos de cultura e literatura, justamente nesses tempos ainda mais fragilizados pelo autoritarismo e seus mecanismos de destruição. Interessa-nos refletir sobre os sentidos apontados pelo atual estado de coisas, que aparentemente desconstrói antigos paradigmas da análise literária em função de gestos de leitura que podem se dar tanto por meio de performances (vocais, musicais, teatrais) como pela simples reunião em torno de um livro, um(a) autor(a), um gênero etc. A premissa subjacente desses gestos é a de que a leitura é uma experiência dotada de sentido que diz respeito ao que nos acontece e nos afeta não apenas como indivíduos, mas como sujeitos que empenham seus nomes no espaço público, criando novos lugares e alcances para a literatura. Este simpósio se destina a reunir investigações dedicadas a pensar os efeitos mais recentes da literatura como presença, experiência criativa, intersubjetiva e exercício do pensamento crítico-reflexivo.

11. Perspectivas feministas em arte, cinema e literatura na pandemia que nos atravessa

Aline Maria Dias (UFES)

Gabriela Santos Alves (UFES)

Resumo: O simpósio será dedicado a partilhar e debater pesquisas que exploram as relações de arte, cinema e literatura na pandemia política e sanitária que nos atravessa no presente, bem como antecedentes e prolongamentos. Destacando pontos de conexão e deslocamentos entre processos e experiências na produção artística, cinematográfica e literária, interessa ao simpósio reflexões, práticas e perspectivas feministas, antirracistas e anticoloniais. Serão acolhidos trabalhos e investigações que abordem: protagonismo de mulheres, contribuições para visibilidade e inscrição de trabalhos desenvolvidos por escritoras, poetisas, cineastas, artistas e realizadoras; performances, narrativas audiovisuais e experimentações da escrita literária, fílmica e artística como potência de imaginar outros mundos e relações entre mundos; temáticas e contextos de produção relacionadas a questões e vivências exacerbadas pela pandemia, bem como estratégias de revisão e enfrentamento como, p.ex., isolamento, silenciamento histórico, sobrecarga, esgotamento, a casa como espaço de potência, clausura e recomposição, exploração e práticas de cuidado; formas de pensar-escrever não necessariamente acadêmicas: relatos de processos, ensaios, formatos audiovisuais e poéticos. Considerando o espaço doméstico como atravessamento entre economia e ecologia, o simpósio também pretende agregar o debate de práticas e reflexões de (in)domesticação, discutindo a aproximação de mulheres, plantas, animais e outros agenciamentos multiespécies na crítica ao legado patriarcal colonial e antropocêntrico pautado na violência de gênero e racial.

12. Escrita em tempos pandêmicos: a literatura no limite

Luís Roberto Amabile (PUCRS)

Carolina Zuppo Abed (USP)

Resumo: A instabilidade generalizada provocada pelo coronavírus alterou a forma como lidamos com a vida, engendrando um contexto que impactou também a criação literária. Seja pela dificuldade de reunião de escritores com o público-leitor e de professores de Escrita Criativa com os alunos, pela crise econômica que afetou as editoras e livrarias ou pela sobrecarga psíquica advinda da situação de emergência continuada, a literatura não saiu ilesa. A produção literária deste período inevitavelmente traz em si, ainda que implícitas, as marcas de seu tempo, ao ponto de Ítalo Moriconi (2021) considerar que já existe uma literatura da pandemia, em que, motivada pela “experiência coletiva do limite entre vida e morte, torna-se pertinente a indagação sobre o existir”. É possível afirmar que o confinamento não é, a princípio, desmotivador; ao contrário, conforme considerou Ernesto Sabato (2003, p. 32), “certo isolamento bárbaro [...] é fértil para a criação de algo forte e novo”. E tempos pandêmicos já geraram grandes obras, como o *Decameron* de Boccaccio (1353) escrito “sob a égide da fragilidade” (SIMONI, 2007) que os europeus experienciaram com a disseminação da peste no final da Idade Média e que tematiza justamente a imaginação literária e a narrativa como formas de enriquecimento de uma realidade que já não se mostra suficiente. Também se pode dizer que a pandemia atual impulsionou o aperfeiçoamento da tecnologia para encontros síncronos à distância, proporcionando o aumento de oficinas de criação literária online. A partir dessas considerações, este simpósio propõe discutir aspectos da criação literária durante a pandemia. Para tanto, acolheremos trabalhos que se debrucem sobre o fazer literário, pensando a escrita tanto do ponto de vista do escritor quanto do professor de oficina, do editor e do crítico. Serão aceitas comunicações na forma de estudos de caso, pesquisas teóricas em andamento e relatos de experiência.

13. Pandemia, educação remota e os novos desafios para o ensino-aprendizagem: como pensar a formação leitora, a consciência crítica e a superação das históricas desigualdades educacionais?

Meire Oliveira Silva (UFMA)

Vanessa Teixeira Pipinis (FEUSP)

Resumo: A pandemia de Covid-19 nos impulsionou a repensar as práticas metodológicas de ensino, dada a suspensão das aulas presenciais em razão da crise sanitária mundial. Se as concepções acerca da formação do leitor literário (ZILBERMAN, 2005; COSSON, 2017) já tensionavam perspectivas sobre os diálogos intersemióticos voltados ao uso das tecnologias como ferramentas eficazes no processo de ensino-aprendizagem, os multiletramentos (BARBOSA; ROJO, 2005) apresentam-se como recurso indispensável na Educação. Entretanto, o ambiente virtual de ensino, muitas vezes está propício ao desconforto entre educadores, estudantes, famílias e sociedade. Enquanto a maior parte dos estudantes brasileiros não têm acesso às ferramentas tecnológicas, os educadores ainda se reconhecem muito distantes desse universo. Além disso, a adoção de ferramentas digitais por sistemas públicos de ensino com grande velocidade e escala impôs ao processo de ensino-aprendizagem novas questões e desafios, como ausência de transparência e debate público (ADRIÃO; DOMICIANO, 2020), indefinições sobre tratamento de dados pessoais, adoção de material didático e plataformas privadas, entre muitas outras. Nesse cenário é importante repensar, portanto, como as grandes corporações absorveram essa demanda erigida a partir das imposições de isolamento social, muitas vezes, para fomentar as exclusões social, digital, cultural e multidisciplinar que desconsideram a função humanizadora da Literatura (CANDIDO, 2011). Neste contexto, este Simpósio Temático está voltado a propostas que possam contemplar tensionamentos, desafios, estudos de caso e possibilidades para o ensino remoto temporário emergencial de literaturas tanto na educação básica como no ensino superior.

14. A pandemia sistêmica do capital e a literatura

Diana Carla de Souza Barbosa (Ufes)

André Luís de Macedo Serrano (Ufes/Sedu)

Andressa Santos Takao (Ufes/Sedu)

Resumo: A pandemia veio para além de evidenciar os problemas sanitários, escancarar a desigualdade social em escala planetária que devasta os povos da Terra por meio do que chamaremos aqui de pandemia sistêmica do capital. Assim, o capitalismo pode ser entendido como resultado de uma invasão na célula saudável dos trabalhadores por um vírus que aliena o trabalho ascendente de quem de fato o produz. O capital multiplica sem cessar células “doentes” cujo segredo está na “autovalorização do capital que se resolve no fato de que este pode dispor de uma determinada quantidade de trabalho alheio não pago” (MARX, p. 338), portanto, roubado, e garante “[...] o baixo preço do sangue e suor humanos, transformados em mercadoria [...]” (MARX, p.662). A pandemia sistêmica do capital é a dominação dos povos subjugados à uma doença que se espalha de maneira viral e é representada pelo imperialismo ianque que, por meio do que Lukács (2013) chamou de “ideologia da desideologização”, apaga a ideologia da luta de classes ao pronunciar o fim da ideologia, enquanto é sempre ela, a ideologia, a da classe dominante que se propaga como “falsa consciência” (ENGELS; MARX, 2007, p.5), deixando aos seres vivos uma sociedade adoecida pela pandêmica situação de alienação geral do trabalho. A literatura não está à parte desse mundo, como se fosse um sistema autônomo em si; mas, ora pode representar a situação pandêmica do capital de forma alienante, ora pode denunciá-la. Este simpósio surge da necessidade de visibilizar pesquisas na área da literatura – na teoria e/ou em obras literárias – que manifestem e denunciem essa estrutura pandêmica parasitária do capital.

15. Nihilismo e Literatura em Tempos de Pandemia

Mauro Lopes Leal (UEPA)

Julie Christie Damasceno Leal (IFPA/UFGA)

Resumo: O termo Epidemia surgiu da junção de dois termos na língua grega: *epi*, que significa “sobre”, e *demos*, “povo”, ou seja, epidemia refere-se a um determinado acontecimento que geralmente atinge a população e está atrelado a fatores que resultam em medo, receio e sofrimento na população. Na atualidade, a humanidade vive outra pandemia, a da Covid - 19, a qual provoca sentimentos de angústia frente à insegurança provocada pela doença, assim como a dor da perda de entes próximos e queridos. A literatura não poderia se encontrar à margem de tal problemática, apresentando diversas obras que abrangem tal assunto: *A Peste*, de Albert Camus, que aborda um caso de epidemia na cidade de Orã, na Argélia; *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, Ignácio de Loyola Brandão, com sua distopia e pandemia que dissolve corpos; *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, que narra um surto de uma cegueira branca e tem como consequência a barbárie e a desagregação dos valores sociais vigentes. Estas e outras obras, apresentam a sociedade sob a égide do risco de adoecimento e morte, angústia existencial e sofrimentos físicos. Qual seja o caso, os seres humanos são tomados de profundo temor, com repercussões, até mesmo imprevisíveis. Portanto, serão bem-vindos trabalhos que busquem estabelecer aproximações/experimentações entre a literatura e a questão do nihilismo, o sentimento de desamparo não apenas diante dos valores tradicionais, mas que surge também, na presença da possibilidade do adoecimento e morte. O presente simpósio objetiva relacionar nihilismo e literatura em tempos pandêmicos, buscando debater sobre o comportamento humano diante de situações limites que exigem o inevitável confronto com doenças, flagelos, e a possibilidade real de finitude.

16. Pandemias e outras narrativas distópicas

Luciana Molina (UFMG)

Thomas Amorim (USP)

Resumo: Na visão de autores como Fredric Jameson e Slavoj Žižek, a dominância da temática da destruição planetária e do apocalipse na literatura e no cinema da cultura de massas se relaciona com o desaparecimento das possibilidades e alternativas históricas reais às relações sociais capitalistas, agora dominantes em todo o planeta Terra. Somente a intervenção de forças externas às contradições sociais parece ser capaz de recriar a representação de cenários e personagens diversos. Ou seja, as diferentes narrativas distópicas sobre crises ecológicas, cataclismas globais, colisões com asteroides, invasões alienígenas e disseminação de microrganismos patogênicos seriam um desdobramento formal da cristalização do modo de produção capitalista e o “mapeamento cognitivo pobre” sobre o estancamento e paralisia que ele provoca em nossos horizontes históricos. Como observamos na obra de Mark Fisher, a noção de que não há alternativas nos autoriza a falar de um “realismo capitalista” moldando as representações da sociedade. Nesse sentido, a pandemia global da Covid-19 pode nos conduzir à reflexão sobre o impacto da distopia quando ela se torna real e os modos como ela tem modificado ou reiterado as relações sociais pré-pandêmicas. Em outra chave de leitura, podemos indicar como a ecocrítica e o ecossocialismo apresentam as narrativas escatológicas e apocalípticas como um tropo importante gerado pela exploração da natureza, seja a partir da demarcação do “antropoceno” ou do “capitaloceno”. Dentre essas, encontram-se as narrativas pandêmicas como representativas de ameaças à continuidade da vida humana na Terra. Levando esses elementos em consideração, convidamos os simposistas a apresentarem propostas que reflitam sobre questões relativas às narrativas distópicas e apocalípticas tanto do ponto de vista teórico-reflexivo e suas consequências sociológicas e filosóficas como também a partir da análise dessas narrativas em diferentes suportes, mídias e contextos culturais.

17. Direito e Literatura acordam de sonhos intranquilos: necropolítica e negação da vida na pandemia

Heloisa Helena Siqueira Correia (UNIR)

Marcus Vinícius Xavier de Oliveira (UNIR)

Fernando de Brito Alves (UENP)

Resumo: Franz Kafka, em uma de suas obras mais conhecidas, iniciou-a com uma sentença de altíssimo impacto que se tornou num estândar para a literatura que a procedeu: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos...”. Essa sentença é o *leitmotiv* da presente proposição de simpósio para o 24º Congresso de Estudos Literários – A Literatura na Pandemia, tendo, entretanto, o cuidado de alterar sujeitos e circunstâncias. Agora, não mais um homem que se tornou num “...verme monstruoso [*ungeheuren Ungeziefer*]”, mas o mundo que, sem esperar ou se preparar, acordou de sonhos intranquilos provocados pela pandemia de SARS-CoV-2, e que por razões que somente o “sobrenatural de Almeida” poderia explicar, calhou de o Brasil se encontrar sob o governo mais inepto de sua história, pelo que é considerado como um dos piores Estados no enfrentamento da COVID-19. Com efeito, os problemas são inúmeros e se avolumam de forma tão acentuada, que parece ser impossível indicar a gravidade de um sobre o outro. Isso, em muitos sentidos, é uma decorrência da postura adotada pelo governo brasileiro em relação à gravidade da pandemia, bem como a suspeição, que se concretiza cada vez mais em fatos incontestáveis, de que se tenha adotado uma (anti)política de disseminação do SARS-CoV-2 como forma de se induzir àquilo que se denomina de “imunização de rebanho por contaminação” em detrimento de medidas preventivas e de imunização por vacinação referendadas pela ciência. Em síntese, uma necropolítica. Frente a este estado de coisas, que respostas o Direito (e/como) Literatura poderia apresentar? Como relatar o inominável? Será que somente pela galhofa e pela sátira? Mas como “rir” em situação que beira ao genocídio? O simpósio que ora se propõe pretenderá colher e debater estes problemas, tendo como paradigma a intersecção entre Direito, Literatura e Filosofia.

18. A produção literária contemporânea em tempos de pandemia

Ana Paula Franco Nobile Brandileone (UENP/CCP)

Marcos Hidemi de Lima (UFTPR/Pato Branco)

Vanderléia da Silva Oliveira (UENP/CCP)

Resumo: Era inevitável que a pandemia, com a rapidez de sua expansão e a capacidade inesperada de alterar tudo na vida de todos, provocasse o surgimento de relatos, literários ou não, sobre os meses de confinamento, vivenciado sem distinção de raça, credo, gênero, etnia, nacionalidade e/ou estrato social. Esse sentido de urgência em retratar o momento presente, explícito nas produções literárias que têm na pandemia o seu mote de criação, encontra ressonância em uma das linhas de força da literatura brasileira contemporânea que, em detrimento do passado ou do futuro, volta o seu olhar sobre o agora, espaço e tempo de hoje (RESENDE, 2005; SCHOLLHAMMER, 2011). Nesse contexto de *excepcionalidades, de suspeição e de desconhecimentos* surgem perguntas que não querem calar: ao transformar em arte a fixidez da vida na pandemia, como os autores figuraram, sem repetir, o que todos já sabem? Sem emular o que se vê diariamente nos jornais ou se ouve de parentes ou amigos? Como narrar o que todos atravessaram (atravessam), e de forma semelhante? Como ficarão as relações (sociais, amorosas, profissionais) depois da experiência da pandemia? Diante desses questionamentos, este Simpósio pretende congrega trabalhos voltados para a recepção crítica da produção literária contemporânea, nas suas mais diferentes nacionalidades, formas e gêneros literários, que tome como objeto de representação aspectos da vida humana relativos à pandemia do Coronavírus, pois importa saber como a Literatura, também forma de conhecimento sobre o mundo e sobre o ser, mimetiza a experiência humana nesses tempos de pandemia. Elaborada no calor da hora, entende-se que essa produção literária deve ser matéria de análise e reflexão dada a lacuna da crítica literária frente a avaliação dessas obras, considerando a sua recente manifestação na cena literária brasileira e/ou mundial.

19. Nem tão isolad@s assim: o distanciamento social como fomento à escrita coletiva

Robson Loureiro (Ufes)

Emerson Campos Gonçalves (PMVV/Ufes)

Mariana Passos Ramalhete (Ifes)

Resumo: Nos primeiros meses da pandemia de Covid-19, em meio ao crescente número de casos e mortes no Brasil, as medidas de isolamento social prescritas pela comunidade científica internacional foram adotadas/acetadas por governos estaduais e municipais como um dos principais “mecanismos” para brevar o avanço da doença – ainda que essas ações tenham ocorrido a contragosto da sanha neoliberal, tendo sido frequentemente sabotadas pela necropolítica fascista do Governo Bolsonaro. Mesmo com uma adesão baixa (quando considerados os números necessários para controlar a transmissão do vírus), esse distanciamento teve como uma de suas consequências a paralisação temporária dos encontros em espaços privilegiados para a produção do conhecimento e das teorias sociais, como as universidades e os seus núcleos de pesquisa. Contudo, paradoxalmente, essa impossibilidade da presença “física” acabou servindo como fomento para animar diferentes pesquisadores, em diálogo com colegas territorialmente distantes, a produzir, cada um em seu *habitat doméstico*, diferentes reflexões coletivas sobre a própria pandemia e o papel das Humanidades, em geral, e das Ciências Sociais e da própria Filosofia perante essa realidade de isolamento. Dessa forma, mais do que referendar qualquer pretensa desterritorialização da *Ágora*, essa intensificação da produção de reflexões sobre a nossa sociedade por meio da escrita serviu como *locus* para uma metarreflexão sobre a própria colaboração científica entre diferentes perspectivas teóricas. Neste simpósio, busca-se relatar uma dessas experiências, materializada (ou objetivada “virtualmente”) no livro *Isolad@s: reflexões artísticas e teórico-críticas sobre o isolamento social no contexto da pandemia*.